



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

PAULO FERNANDO VEDOVATTO VITOR

**DO TRABALHO E VIDA NA ROÇA À MUDANÇA PARA AGROINDÚSTRIA:
TRANSFORMAÇÕES NO COTIDIANO DOS MORADORES DO BAIRRO EFAPI**

CHAPECÓ

2015

PAULO FERNANDO VEDOVATTO VITOR

**DO TRABALHO E VIDA NA ROÇA À MUDANÇA PARA AGROINDÚSTRIA:
TRANSFORMAÇÕES NO COTIDIANO DOS MORADORES DO BAIRRO EFAPI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Vojniak

CHAPECÓ

2015

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Vitor, Paulo Fernando Vedovatto

Do trabalho e vida na roça à mudança para agroindústria: Transformação no cotidiano dos moradores do bairro Efapi / Paulo Fernando Vedovatto Vitor. -- 2015.

53 f.:il.

Orientador: Doutor Fernando Wojniak

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2015.

1. Formação do município de Chapeco: reflexos dos agentes políticos e econômicos. 2. As transformações no cotidiano dos moradores do Bairro Efapi. I. Wojniak, Fernando, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

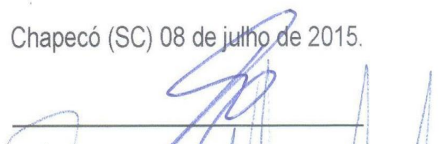


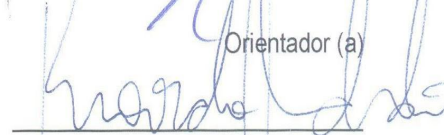
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

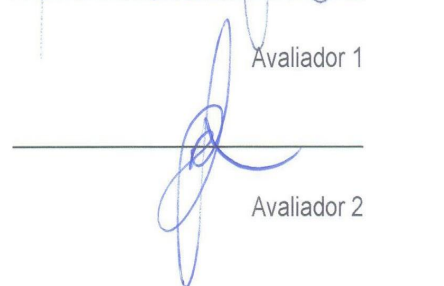
**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos 08 dias do mês de julho de dois mil e quinze, às 10h horas nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul, reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Prof. Dr. Fernando Vojniak (Orientador), Prof. Msc. Ricardo Machado e Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda.** O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura do acadêmico Paulo F. Vedovatto sob o título: **Do trabalho e vida na roça à mudança para a agroindústria: transformações no cotidiano dos moradores do Bairro Efapi** obteve a média final 7,5 sendo considerado APROVADO.

Chapecó (SC) 08 de julho de 2015.


Orientador (a)


Avaliador 1


Avaliador 2

Dedico este trabalho aos moradores do Bairro Efapi, que lutaram e lutam para o desenvolvimento da região e para uma melhor qualidade de vida da sua população.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a toda minha família, a minha mãe Mari, minha irmã Andreici, meus filhos João e Pedro, minhas duas razões para seguir todos meus planos.

Também gostaria agradecer aos meus colegas e amigos do curso, que me auxiliaram nesse tcc e em toda a graduação, meus queridos Josimar, Handressa, Camila, Jaine, Maiara e principalmente ao amigo e colega Edenir com seus incentivos e contribuições.

Ao meu professor e orientador Fernando Vojniak pelas dicas e incentivos durante todo o processo de pesquisa e construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Aos professores do Curso de Licenciatura em História da UFFS, pelos ensinamentos e porque não, a amizade construída durante esses anos.

Agradeço aos entrevistados por disponibilizaram um pouco do seu tempo para relatar sobre as suas em conversas regadas um bom (chimarrão) como é de costume nas prosas dos moradores do Bairro Efapi.

Agradeço ao CEOM por disponibilizar o acervo para as pesquisas iniciais.

Aos colegas do meu atual trabalho por contribuírem para o ambiente de estudo durante o processo de construção do TCC.

E a todos os moradores do Bairro Efapi, importantes para que eu criasse esse desejo em discutir a formação dessa região, que se tornou imponente dentro da cidade de Chapecó

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me disse que somos feitos de história.”

Eduardo Galeano

RESUMO

O presente trabalho visa compreender as transformações no cotidiano dos moradores do Bairro Efapi. População essa que, em sua maioria deixou suas vidas no campo em busca de novas oportunidades na cidade. A saída, para muitos, é a busca por trabalho na agroindústria, principalmente a Sadia. Nesta pesquisa buscou abordar a formação do bairro dentro das políticas municipais da cidade, analisando os planos diretores do município dos anos 70, com fontes através de teses e livros sobre a história regional. A análise desses documentos possibilita identificar a influências de políticas exercidas pelos empresários agroindustriais e pelo poder público na constituição da expansão urbana nas regiões de moradias de operários das agroindústrias. Também foram realizados entrevistas orais, para identificar as principais alterações na vida dessa população, principalmente abordando as diferenças da vida que eles tinham no campo, em relação aos novos modos de vida que eles passaram a ter na cidade e observar as alterações no cotidiano desses moradores, tendo como base a influência no ambiente exercida pelas agroindústrias da região, principalmente a Sadia.

PALAVRAS-CHAVE: Bairro Efapi; Transformações do Cotidiano; Trabalho; História.

ABSTRACT

This study aims to understand the changes in the daily lives of residents of Efapi neighborhood. Population that left their countryside lifestyle mostly in search of new opportunities in the city. For many, that meant searching for work in agrobusiness, especially at Sadia S.A. This research sought to address the becoming of the neighborhood within the municipal city policies, analyzing the master plans of the municipality of the 70's, through theses and books on regional history. The analysis of these documents enabled the identification of the influences posed by agrobusiness entrepreneurs and Government in the urban expansion of these companies' worker's housing regions. Oral interviews were also conducted to identify the main changes in the lives of this population, mainly addressing the differences of life they had in the field, on the new ways of life that they now have in the city and observe the changes in the daily lives of these residents, based on the influence exerted on that environment by agribusiness in the region, specifically Sadia's.

KEY-WORDS: Efapi; Neighborhood; Changes; Everyday Life; Work; History.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ: REFLEXOS DOS AGENTES POLÍTICOS E ECONÔMICOS	15
2.1 Os Planos Urbanos na Década de 70, Reflexos e Métodos Nas Concepções Urbanas de Chapecó	19
2.2 A Formação da Área Oeste do Município de Chapecó	21
2.3 A Empresa Sadia em Chapecó	23
2.4 A Origem do Bairro Efapi	27
3 AS TRANSFORMAÇÕES NO COTIDIANO DOS MORADORES DO BAIRRO EFAPI	32
3.1 Noções de Trabalho e Tempo	34
3.2 Noções de Consumo e de Bens	36
3.3 Noção de Lazer	40
3.4 Noção de Comportamento em Família	42
3.5 Noção de Espaço e Moradia	44
3.6 Relações e Interações Sociais	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
5 REFERÊNCIAS	51
6 FONTES	53

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre o cotidiano é um campo que vem sendo trabalhado pelos pesquisadores na área das ciências humanas de maneira acentuada nos últimos anos. Esses estudos assinalam a importância de se discutir e pensar sobre o dia a dia das pessoas, a rotina de uma população e as implicações das transformações cotidianas na sociedade. Estudar essas alterações, especialmente quando são motivadas por uma mudança de vida de uma população, como no caso aqui em análise, em que as transformações impostas por práticas, se tornam necessárias devido à mudança de vida e trabalho em uma sociedade, que se apoiam por ideais capitalistas que reforçam e se radicalizam nos dias atuais.

O presente trabalho aborda as transformações sociais e culturais por que passaram os trabalhadores que se instalaram no Bairro Efapi, região escolhida para acolher os trabalhadores de uma das principais agroindústrias da cidade. Assim como aconteceu com outros bairros, caso do Engenho Braun, localizado ao lado da Sadia e o bairro Saic, região que se localiza o antigo Frigorífico Chapecó, que atualmente é mais uma filial de outra importante agroindústria da região, a Aurora Alimentos,. O bairro em seu início era denominado de Efapi, graças à feira que acontece no parque de exposição localizada nessa localidade. Antes de se tornar definitivamente um bairro, a região era caracterizada por pequenos loteamentos, como o Loteamento Colatto.

Esses trabalhadores, em sua maioria, vieram das áreas rurais do entorno da cidade de Chapecó e de outras áreas rurais da região oeste e, em sua grande maioria do Rio Grande do Sul. Assim, se considerou importante analisar as transformações pelas quais essas populações passaram ao escolher o bairro Efapi como destino. Ao deixarem suas antigas terras para trás e instalarem-se nas zonas periféricas do município de Chapecó, passando de agricultores a operários agroindustriais, com essas mudanças se alteram também suas práticas e costumes, uma exigência da ‘nova vida’, a urbana.

Trabalhar o cotidiano desses moradores implica abordar o contexto do ambiente em que eles se encontram após a saída do campo e observar o convívio com os moradores que assim como eles são novos na região. Verificar a adaptação com o bairro, as adaptações

culturais, que agora sofrem grande influência do ambiente da agroindústria e das práticas culturais urbanas.

É importante observar como este novo ambiente é tomado por esses moradores, pois mesmo que imposto por todo um ambiente diferenciado, com novas moradias, vizinhos, emprego, as transformações não vem de imediato, há uma adaptação, os moradores aceitam muitas condições, mas também alteram o ambiente, motivados pelas particularidades culturais que carregam consigo. Michel de Certeau introduz os estudos sobre a questão das “artes de fazer”, que, apesar de todo um conjunto de exigências impostas, o homem reinventa o cotidiano, ele se apropria e transforma e faz uso daquilo que o autor chama “tática do fazer”, isto é, diante das estratégias de controle, reage com astúcia para garantir uma existência particular e não homogênea em sociedade. Certeau aborda, em *A Invenção do Cotidiano (1980)*, a utilização de *estratégias* e *táticas* pelas populações consideradas “dominadas”, que em seus cotidianos ocasionaram rupturas em suas práticas. Segundo as ideias do autor, as estratégias ocorrem pelas transformações mesmo de forma micro, no ambiente de imposições que cerca uma certa população dominada em seu cotidiano, por agentes como o Estado e outras instituições, uma ruptura ao cotidiano através da transformação do ambiente em algo que lhe parece próprio. “Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994, p. 46). A tática é aplicada como oposição ao ambiente, considerado imodificável “um cálculo que não pode contar com um próprio”, formas de intervir ao cotidiano, com ações opositoras aos agentes mercadológicos

Para a população no bairro Efapi, em sua nova vida na cidade, não há mais estabilidade da identidade construída com base nas referências da comunidade rural, do grupo étnico e das práticas comunitárias. As referências identitárias vem do mundo globalizado industrial, que segundo Stuart Hall, as referências globais apesar da construção moderna das identidades nacionais se sobressaem as outras referências. Como indica Hall, que ao final do século XX a globalização avança, “um complexo de processos e forças de mudanças, [...] atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações [...]” (HALL,2002. p. 67). Essas referências quando impostas,

transformam aquelas identidades antes afastadas de suas influências, mas que através de práticas em seus cotidianos há uma busca pelo pertencimento, pelo próprio, uma identificação rompendo com a ideia de unificação cultural que eles se encontram:

Do fundo dos oceanos até as ruas das megalópoles, as práticas apresentam continuidades e permanências. Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfrelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixada por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem os consumidores a imigrantes em um sistema demasiadamente vasto para ser deles [...] (CERTEAU, 1994, p. 47)

Mesmo com as referências do mundo globalizado, ainda assim é possível verificar particularidades nas zonas operárias, como o caso do Bairro Efapi, diferentemente do encontrado no centro da cidade, além de se ter a influência do trabalho na agroindústria, a região traz consigo muitas características de vida do campo, que se mostra visualmente e mais de imediato nos usos dos terrenos não apenas para moradia, mas também ocupando-os com plantações, essa prática que é um dos destinos encontrados para os terrenos baldios; preenchidos com pequenas plantações. Essa atividade servia para proporcionar um complemento alimentar para os moradores.

Nesta pesquisa, se buscou utilizar outros trabalhos sobre a formação de uma classe operária, como referência para a compreensão das rupturas sociais nas áreas urbanas, mas também abordar a vida cotidiana dessa população. Além de fontes bibliográficas, foram utilizadas entrevistas orais para contextualizar o ambiente em que esses moradores encontravam-se na época, que se instalaram no bairro e as formas de construção e alteração desse ambiente. Através das falas desses moradores, buscou-se analisar e dar importância às vozes daqueles que foram tão importantes para o bairro quanto as grandes empresas que o cercam. De acordo com Etienne François, que assinala a importância da fonte oral como inovação para os estudos históricos.

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. (FRANÇOIS apud AMADO E FERREIRA, 2006. pg. 04)

Torna-se assim importante abordar o contexto cultural que esses trabalhadores se encontravam em sua nova casa, e assim mantendo, alterando ou adquirindo novos costumes. A relação do trabalho, capital e social se altera. No meio rural essas relações são presentes, mas veremos que elas acontecem baseadas em um pensamento diferente da cidade, sem estar cercada pela influência da indústria, mercado e consumo em massa.

O primeiro capítulo apresenta a construção do bairro Efapi e as políticas em torno da formação da cidade e suas zonas periféricas, contextualizando a formação da cidade de Chapecó, os planos diretores que organizavam a gestão urbana, e a instalação da agroindústria Sadia com destaque as implicações políticas de suporte a agroindústria.

No segundo capítulo o objetivo é discutir as transformações no cotidiano dos moradores do bairro, as mudanças implicadas nas suas novas vidas, agora em área urbana e a influência que um ambiente marcado pela presença da agroindústria teve em suas vidas. O capítulo é separado em tópicos que eu nomeio como conceitos, esses que são fragmentos das transformações que os moradores sofrem na mudança para a cidade, os tópicos abordam situações que no contato inicial com o urbano demonstram ser mais impactantes na vida dessas pessoas.

2 FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ: REFLEXOS DOS AGENTES POLÍTICOS E ECONÔMICOS

Chapecó é uma cidade localizada no oeste do estado de Santa Catarina. O município, com uma área aproximada de 14.000 km², foi criado em 25 de agosto de 1917 (HASS, 2000. p. 74). Com as políticas de colonização, atraindo imigrantes, graças às ofertas de oportunidades principalmente com o trabalho nas agroindústrias. Hoje Chapecó tem uma população estimada em cerca de 202.009 habitantes, com uma área territorial de 626,057 (km²)¹¹. Sua expansão começa em 1950, quando a região torna-se alvo para os “colonizadores” com incentivos governamentais, como a chamada Marcha para o Oeste, no governo de Getúlio Vargas. A marcha tinha como objetivo trazer a brasilidade nas regiões não habitadas dos país, considerados sertões que necessitavam de maior riqueza econômica e cultural, buscando aplicar o progresso objetivado pelo governo. Assim, além de dar vida econômica para essas regiões, a ideia de Getúlio Vargas era criar uma brasilidade nessas regiões inóspitas, mesmo que nesses locais já houvesse a presença de imigrantes de origem europeias, caboclos e índios.

Em sua formação, oficialmente a cidade é baseada na cultura ítalo-germânica, mas a historiografia oficial, ou seja, apontada pelas elites e o governo municipal²², não relata que a cidade muito antes dessa formação, viviam aqui povos de cultura cabocla e indígena. Através dos reflexos nacionais, com necessidades econômicas vividas pelas populações de outros estados, a migração se torna comum, a região oeste vira alvo dessa população em busca de oportunidades. A “carência de terras” no Rio Grande do Sul, deixando intocada a grande propriedade e a demanda dos colonos, permitiram o impulso colonizador. (RENK, 1997)

Em seu início, a formação do município teve como destaque o incentivo às empresas colonizadoras para ocupação das áreas inabitadas, ou seja, que necessitavam perseguir o progresso para alavancar a região. Inicialmente cria-se uma população pequena em formação. Trata-se de um empreendimento colonizatório que cria tanto áreas rurais de pequena

¹ IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/19X>. Acesso em 22. nov. 2014

² CHAPECÓ. [Site da Prefeitura Municipal de Chapecó]. Disponível em <http://www.chapeco.sc.gov.br/chapeco/historico.html#/denominacao>. Acesso em 14. agos. 2014.

propriedade e vilas urbanas geralmente na sede da empresa colonizadora ou conforme antigas vilas que se consolidaram com a lei de criação dos municípios em 1917, tal como Chapecó, Cruzeiro do Sul (Joaçaba), Porto União e Mafra.

Na região Oeste, no início do século, havia a ‘terra de ninguém’, ‘terra devoluta’, ocupada por um pequeno número de habitantes, que não possuíam a propriedade da terra que exploravam. Poucas áreas tinham proprietários e nem mesmo as grandes colonizadoras haviam tomado posse das terras. A região toda constituía o chamado ‘Velho Chapecó’. Da área originalmente formada do território chapecoense, em diferentes épocas, foram desmembrados em mais de 60 municípios, incluído o próprio município de Chapecó. (POLI, 1995, p. 74)

As empresas colonizadoras e seus dirigentes, logo se tornaram principais agentes políticos e econômicos da região. Assim, o corpo político foi se formando, as famílias colonizadoras se mostraram atuantes nas políticas públicas da cidade e da região.

Politicamente, a região foi sendo constituída através de três forças partidárias principais: o PSD (Partido Social Democrático), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e a UDN (União Democrática Nacional.). O PSD era representado, sobretudo, por colonizadores e indústrias madeireiros, forças com poder econômico e com feição urbana, que dominariam exclusivamente a política regional até os anos 40. (ALBA, 2002. p. 21)

Dentro da historiografia das cidades, em que se tem uma preocupação em apontar a formação social, é importante destacar a formação populacional, observando também os excluídos, os que deixam de ser lembrados nos grandes feitos do município. Essas populações que não fazem parte do discurso progressista defendido pelas elites e governo, muitas vezes ficam à margem da historiografia das cidades.

Antes da vinda das empresas colonizadoras, Chapecó tem sua formação étnica, índios da cultura Kaingang, Xokleng, Guarani e Caboclos (população mestiça remanescente da expansão pecuária do período colonial). Com a chegada dos colonizadores, a formação do núcleo populacional vai se alterando, a população que aqui já se encontrava é aos poucos transferida para outras regiões e em seu lugar fixam pessoas vindas do Rio Grande do Sul, imigrantes que buscavam prosperar em novas terras. Seguindo a política de desbravar o oeste do Brasil, mas essa ideia se mostrou mais excludente do que progressista, pois como relata

Santos, as populações que aqui se encontravam eram descartadas através de ideais políticos e econômicos.

Oeste Catarinense, até a década de 1940, era habitado fundamentalmente por caboclos. A partir da década de 40, grande parte desses brasileiros é expulsa das terras que ocupava sem nunca se ter preocupado com o registro das mesmas. Acontece que as Companhias Colonizadoras que receberam a concessão do governo para colonizar a região, utilizavam a falta de registro das propriedades como pretexto para expropriar os brasileiros e, assim, conceder títulos de terra aos imigrantes por eles trazidos do Rio Grande do Sul. (SANTOS, 2011. p. 197)

Para uma visão de elevação econômica, essa transformação social era necessária. Com a chegada dos imigrantes, se altera as formas de produção dentro da cidade, e com isso, se alteram os condicionamentos econômicos. Com os imigrantes vem também uma nova concepção econômica, há um incentivo para o modelo capitalista de produção, concentração e acúmulo de excedente em pequenas propriedades agrícolas, antes voltada para a erva-mate e extração de madeira, que se alteram principalmente para a agricultura e exploração animal, como a criação de suínos.

A terra deixou de ser exclusivamente natureza e fonte de alimentos das comunidades locais, para se transformar em capital, que gerou a riqueza das empresas colonizadoras e dos comerciantes que estabeleceram a relação regional e nacional. E foram essas relações capitalistas, adaptadas às especificidades do lugar, que possibilitaram a acumulação e a concentração do que o capital necessário para a implantação das agroindústrias que posteriormente se desenvolveram na região. (ALBA, 2002. p. 29-30).

Na política municipal, fica bem caracterizada a maciça participação de empresários no governo da cidade desde o seu surgimento. A participação desses agentes econômicos, segundo Alba servia para benefícios próprios, em base, pautado sob suas condições sociais e comerciais, as visões que esses agentes tinham para o futuro de seus negócios e conseqüentemente o futuro da cidade. O município de Chapecó em sua ocupação, foi regido politicamente por figuras econômicas ligadas às empresas instaladas na cidade. Isso adiciona indicativos na formação de áreas “marginais” como a região da Efapi, que foi pensada e construída para acomodar um contingente populacional que acabará por se constituir, em sua

maioria formada pela “classe operária” da agroindústria.

Para os empresários das agroindústrias não bastou administrar apenas suas empresas e a economia do lugar, voltaram-se também para as atividades político-partidárias. Conforme vimos anteriormente, cidades como Chapecó e Concórdia raramente foram administradas por políticos que não fossem de confiança do Senhor Plínio Arlindo de Nês (Organizações Chapecó) ou do Senhor Atilio Fontana (Sadia). (ALBA, 2002. p. 33)

Contudo, com políticas municipais voltadas apenas para o desenvolvimento econômico, em que se busca uma ampliação na capacidade de produção, ou seja, aplicada no “progresso” defendido pela elite. Cria-se uma formação social que priorizava as populações mais abastadas, com política de zoneamento em que se exclui os investimentos nas áreas que vinham se formando, principalmente no final da década de 1970, após a consolidação da economia agroindustrial.

Chapecó condiciona a criação de áreas marginais, região que com o passar dos anos sobem em número populacional, mas que sofrem em investimentos para a manutenção dessa população, principalmente em infraestrutura, situação bem destacada por Alba:

Após os anos 70, o novo toma mais sentido em Chapecó, quando o capital, através da hegemonia da agroindústria, já pode submeter a agricultura, o mercado e suas leis, que já não são mais locais, pois forças externas atuam fazendo-os adaptarem-se, nos últimos anos, a mais uma etapa de internacionalização do capital. Conflituosamente foi surgindo um novo espaço de contradições: proprietário-capitalista, pequenos produtores rurais integrados e o proletariado; as mansões e os barracos; espaços com localização privilegiada, mas porém vazios (especulação) contrastando com locais de difícil acesso e impróprios para morar; as avenidas bem asfaltadas e iluminadas e a escuridão das ruelas; de um lado vitrines dos luxos burgueses e do outro a vitrine da pobreza, da miséria dos espúrios da sociedade, dos excluídos do processo produtivo. A “cidade das rosas” como queriam alguns, certamente cresce com seus espinhos, deixando um espaço para a proliferação de outros elementos, constituindo uma paisagem marcada pelas desigualdades e contradições sociais. (ALBA, 2002. p. 34)

Na formação urbana da cidade entre 1960 a 1980, temos a formação de regiões diferenciadas, como a área central, essa planejada com amplas avenidas e boa infraestrutura. Nessa região moram, em grande maioria, a elite da cidade, formada pelos imigrantes que buscavam investir na cidade, acompanhado da população que aqui estava e continham

investimentos. Em outras regiões, cria-se as áreas “marginais”, em que temos uma população menos abastada, pessoas que não se adequaram com os ideais progressistas, introduzidas com os novos imigrantes, em outro local estão localizados os trabalhadores da agroindústria, ou seja, a zona leste e oeste.

2.1 Os Planos Urbanos na Década de 70, Reflexos e Métodos Nas Concepções Urbanas de Chapecó

Em *Leis e Planos Urbanos na Produção da Cidade: O caso de Chapecó.SC*, Daniella Reche (2008), propõe refletir sobre os planos urbanos no município na década de 70 e 80, planos elaborados pela SERFHAU (Serviço Federal de Habitação e Urbanismo), instituição que Reche baseia seus estudos. Contudo, para observar melhor a situação do município e pautar as causas de tais escolhas do governo municipal, Reche aborda as condições em que o Brasil se encontrava, analisa as políticas públicas daquela época, a modernização e a industrialização.

Para uma melhor clareza, se torna necessário caracterizar as condições econômicas do país, e as novas perspectivas governamentais, partindo principalmente no âmbito federal, regido pelas perspectivas do governo militar da época.

[..]décadas de 70 e 80, período em que se inserem as Legislações propostas para estudo, e também, período de maior dispersão de Planos no Brasil, fruto de obrigatoriedade do Governo Federal, que, em meio à ditadura militar, queria garantir o sucesso econômico do país através do direcionamento e controle de investimentos em favor do capital industrial (o Milagre Econômico). (RECHE, 2008. p. 12)

Através de facilidades econômicas, da procura por progresso, a Sadia, assim como as demais indústrias que se instalaram no município através de grandes incentivos estatais, tornava-se atrativo para a mão de obra migrante que se dirigia para a cidade nas décadas de 1970 e 1980 em busca de trabalho.

O governo municipal, por não ter muitos recursos para investir em todos os pontos da cidade, foca nas áreas de classe economicamente dominante, usando um falso discurso que

essas áreas abrangem o visual de cidade, espaço urbano em detrimento das áreas marginais:

De 1970 a 1980, segundo o IBGE, a população urbana do município cresceu a uma taxa de 11% ao ano, sendo que de 1974 a 1980, período de vigência do primeiro Plano Diretor, essa taxa era de aproximadamente 16% ao ano, passando a cidade de uma população de 23.000 habitantes para 53.181 habitantes, ou seja, mais que duplicando a sua população em seis anos, o que resultou em grandes transformações do espaço urbano[...] (RECHE, 2008. p. 05)

As condições políticas e econômicas nos meados da década de 60 (aumento da capacidade industrial) condicionaram para a criação dos Planos diretores de 1974 a que se utiliza das estruturas físicas e econômicas já instaladas na cidade, como o suporte de excedentes agrícolas que serviram para fixação das agroindústrias. Para a criação dos planos diretores em Chapecó, foi baseado em perspectivas de política nacional, voltado para a industrialização e elevação econômica.

Este Plano Urbano foi aprovado no dia 31 de dezembro de 1974 (Lei nº 068/1974),[...] a criação dos planos diretores em Chapecó, foi baseado em perspectivas de política nacional, voltado para a industrialização e elevação econômica, O Plano baseou-se no Termo de Referência elaborado em 1972 pelo SERFHAU, que indicava a metodologia que deveria ser adotada para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Urbano de Chapecó.(RECHE, 2008. p. 69)

Os aspectos importantes do trabalho de Reche, são os apontamentos sobre as políticas baseadas em perspectivas economicistas, que com ausência dos aspectos sociais se demonstraram um equívoco, em que se pode ser observado ainda nos dias atuais. A criação de áreas urbanas afastadas dos grandes centros, sem suporte governamental, influenciou para um crescimento desorganizado dessas áreas, com forte aumento populacional, e a formação habitacional sem planejamento necessário.

Através do estudo dos planos diretores e leis de zoneamento, a autora aborda os condicionamentos para a formação dessas áreas “marginais”, procura também discutir o que eram esses planos urbanos, suas diferenças e a forma que eram construídos. O Zoneamento, planos de gestão urbano municipal, foi criado na forma de diferenciar pontos de terra, aplicando seus valores, e a definição para que seria utilizado dentro da política municipal, ou seja, áreas para moradias e outras para a construção de um setor industrial. Diferenciando dos

Planos Diretores, que definiam as direções que o município tomaria, em seu território e economia, uma forma de gestão comum nas prefeituras até nos dias atuais:

Portanto, as funções do Plano Diretor vão muito além das do zoneamento. Outra diferença da Lei de Zoneamento para o Plano Diretor é que o primeiro é uma ferramenta jurídica auto-aplicável, enquanto que o segundo, apesar de aprovado em lei, se dá, na maioria das vezes, em forma de discurso e não em texto jurídico.” (RECHE, 2008. p. 24)

A área urbana de Chapecó se ampliou principalmente na década de 70, influenciada pelas instalações das agroindústrias e conseqüentemente o seu contingente populacional, com a vinda dos imigrantes de diferentes regiões.

Para esses imigrantes que instalaram-se na cidade, cria-se uma demanda habitacional, principalmente nas áreas mais afastadas do centro, próximo das agroindústrias, que facilitaria o acesso ao local de trabalho, e também por se tornar mais barato para essa população que já se encontrava em crise econômica nas áreas rurais.

A demanda por habitação, cada vez mais intensa, e o não acompanhamento de ações governamentais, principalmente de moradia, para minimizar os conflitos resultantes da diferença entre a população absorvida pelas indústrias e a população atraída por essas, provoca o fortalecimento da figura do loteador. Este, a partir da década de 70, vê na necessidade de moradia para a população de mais baixa renda migrante, um mercado promissor. (RECHE, 2008. p. 54)

Com os apontamentos de Reche, através das políticas públicas, como as leis de zoneamento e diretrizes urbanas, percebe-se que Chapecó foi separado em diferentes áreas. A central, bem estruturada, com avenidas largas, para confortar a população de classe com poder aquisitivo maior. Como também, a área oeste, destinada para suporte das agroindústrias, com formação habitacional designadas aos trabalhadores dessas indústrias, sem um suporte para a manutenção dessas moradias.

2.2 A Formação da Área Oeste do Município de Chapecó

Com os planos urbanos do município voltados para o desenvolvimento econômico,

principalmente na instalação e suporte das agroindústrias, se forma uma nova área urbana na cidade, destinada para a população recém-chegada. Populacionalmente, Chapecó se altera, com a chegada de novos moradores, agricultores e filhos de agricultores, que deixam suas terras em busca de novas perspectivas. O centro da cidade é ocupado principalmente por uma população com poder aquisitivo maior, que se condicionam na obtenção de melhores recursos e infraestrutura. Em outro plano, temos a formação da área oeste, ocupada por uma população menos abastada, que vieram para a cidade, atraídas pelas ofertas das agroindústrias, tal como bairros Engenho Braun, Vila Mantelli e Efapi.

A formação urbana das cidades tem agentes políticos e condições econômicas por trás de seu planejamento. Os reflexos observados nos dias atuais, na formação das áreas marginais nas maiorias das cidades, são concebidos através de políticas públicas que condicionam a exclusão social dessas regiões, assim se forma um zoneamento nas cidades em que encontramos áreas centrais, industriais e as consideradas marginais. Essas áreas marginais são planejadas politicamente para suprir uma demanda populacional, na sua maioria, formada por uma população de baixa renda. É importante refletir o porquê essas regiões se formam tão afastadas das áreas centrais.

O bairro Engenho Braun no início da década 1970, época em que a Sadia é instalada na cidade, era denominado de Vila Sadia, local em que moravam os trabalhadores que viriam de Concórdia para auxiliar na construção da agroindústria e no treinamento dos funcionários, muitos ocupavam o cargo de chefia dentro da agroindústria. O segundo loteamento a se estabelecer foi a Vila Mantelli, que pertence ao bairro Engenho Braun, local inicialmente destinado para a moradia dos primeiros funcionários contratados pela empresa na cidade.

O bairro Efapi, localizado no lado oeste do município, se demonstrou principalmente no fator social deslocado do restante da cidade, esses moradores em sua grande maioria são trabalhadores da agroindústria, assim vivem em torno de um ambiente diferenciado, baseado no trabalho na agroindústria e com pouca presença de ações governamentais, contrário as regiões centrais, que se formam a base de uma gestão atuante do governo municipal. A procura dos colonos que migraram para a região, que passaram a tentar suprir a falta de perspectiva sobre infraestrutura, se cria de forma comunitária para criar meios de suprir essa

falta estrutural, em setores como educação, lazer, saúde e religiosidade, assim ocasionou uma formação cultural própria, intensificada pela distância do centro do município.

O fator agroindústria se demonstrou determinante na formação da região, como as moradias próximas à empresa Sadia, e a adesão dos familiares dos trabalhadores nessa ‘nova’ empreitada. Torna-se também importante analisar os impactos provocados socialmente pelas imposições ocasionadas pela empresa na população.

A Sadia com seus programas de auxílio aos trabalhadores, com doações de produtos da empresa ao final do ano, com a construção de sedes que serviam de lazer para os seus funcionários, festas para as crianças no natal e dia das crianças desempenha um papel importante na cultura de seus funcionários. Mostra que a Sadia era tão presente na vida dessa população, principalmente em alguns setores que o Estado menos agia, como cultura e lazer. Assim, sem a presença do Estado, pois no início da formação do bairro a população se encontrava em abandono pelo governo municipal, sem infraestruturas básicas, para esses moradores desfrutarem, a Sadia agia qual a representação de um Estado.

Ao longo dos anos, o bairro vem se mostrando independente em relação à área central, caracterizando-se pelas marcas das iniciativas dos próprios moradores no enfrentamento da ausência de políticas públicas, visando suprir, principalmente, a falta de infraestrutura. Áreas públicas ou cedidas, organizações em torno de comunidades religiosas, em sua maioria católicas, formação de grupos comunitários/esportivos. É importante perceber o quanto a cultura gerada à base do ambiente agroindustrial, a falta de incentivos governamentais na região na busca do fortalecimento na resolução dos problemas sociais, resultaram em características que diferenciam a região do restante da cidade.

2.3 A Empresa Sadia em Chapecó

A agroindústria Sadia inicia sua história em Chapecó em 1972, sob o nome jurídico de Sadia Avícola Ltda, tem sua matriz no município vizinho de Concórdia, e seu idealista e fundador Attilio Fontana que começa com o ideário de expandir a empresa, no início de maneira a abranger toda a região. Essa expansão da agroindústria nas cidades do oeste, junto

com outras empresas do mesmo segmento, transforma a região no polo nacional em cortes de aves e suínos, nos dias atuais abastece amplo mercado nacional e internacional.

Fontana, desde o início se envolve com a política da região. Motivos particulares levaram o empresário a esse ramo, em virtude dos investimentos que proporcionaram melhorias para sua atividade econômica, sendo esse o principal fator, como relata Espíndola, em que descreve ações governamentais do empresário em investimentos em estradas que serviriam para evacuação de seus produtos.

Atilio Fontana no caso, assumiu, no início dos anos 30, o cargo de consultor do município de Cruzeiro (atualmente Joaçaba). Como tal, passou a analisar o orçamento da prefeitura e privilegiou em suas análises o direcionamento dos recursos à construção de estradas de rodagem. Percebe-se, por aí, que seu interesse em direcionar recursos públicos à construção de estradas de rodagem residia na necessidade de ligar suas próprias casas comerciais às áreas onde se localizavam os pequenos agricultores rurais de milhos, alfalfa, suínos, etc (ESPÍNDOLA, 1999. p. 53)

A formação econômica se mostra determinante para suprir essa capacidade de industrialização, no setor de corte de animais. Apenas a construção de agroindústrias, não significa que se tem o processo na sua totalidade, desde a matéria-prima até o produto final, precisa de um sistema que integra a produção com a criação desses animais. Essa produção regional acontece de um forma “integrada”, modelo americano, em que a empresa fornece esses animais ainda filhotes, para que pequenos produtores possam criar e engordar para que assim fiquem adequados para o abate, como explica Santos.

Referido sistema (copiado nos EUA), consiste em que a agroindústria fornece perus e pintinhos de um dia aos pequenos produtores que ele denomina de integrados. Estes produtores são donos dos meios de produção, tais como: a terra rural na qual se localizam os aviários, dos próprios aviários, e de todos os equipamentos que se encontram dentro do mesmo, mas não são donos da matéria-prima e nem tem o controle do processo de trabalho (SANTOS, 2011. p. 135)

Toda a política voltada ao crescimento econômico no ramo de abate de suínos e aves que a empresa montou na região oeste catarinense, resultou como pilar para o crescimento dela para outros estados e outros segmentos em abate de animais, também na criação de escritórios e setores administrativos em outras regiões.

A “integração” é um agente de produção ainda presente nos dias atuais na região do

município, ela tira a característica de pequenas propriedades com cultivos para subsistência e as desenvolve para pequenas propriedades de produção avícola. Nesse tipo de prática exige o envolvimento de toda família no auxílio da criação das aves, como na figura a seguir, a granja da família Vedovatto integrada à Sadia, tinha o envolvimento da maioria dos membros, mesmo sendo uma família composta por grande parcela de mulheres, oito filhas e mãe e apenas dois homens, o pai e um filho. Essas mulheres que além de seus serviços domésticos diários ajudavam na tarefa de manutenção da granja.

Figura 1 – Granja integrada à Sadia da família Vedovatto (1986)



Fonte: Acervo Particular de Paulo Fernando Vedovatto

Em Várzea Grande, MT, a agroindústria entra para o ramo de abate de bovinos. Na década de 80, apesar do abalo econômico em que o país vivia, com as alternâncias de poder e manifestações por eleições diretas, a Sadia amplia seu segmento de embutidos, e começa a exportar para novos mercados.

Em 1990, o país vive com os problemas da inflação, as indústrias sofrem abalos, a Sadia se fragiliza em seu mercado externo, assim abre espaço para as concorrentes, uma questão que modifica o processo de fabricação dos produtos da agroindústria. Agora necessita um controle de qualidade maior dentro da empresa, todos os envolvidos passam para um novo

processo aprimoramento na gestão de qualidade dos produtos, regrados pelo programa de qualidade total TQS (Total Qualidade Sadia).

Nos anos 2000, a empresa entra no mercado de valores (bolsa de valores), isso acarretou grande crescimento econômico, graças ao grande prestígio que a empresa tem no mercado externo e interno. Mas na década seguinte, a empresa se encontra em sua maior crise financeira, graças a investimentos no mercado de câmbio em 2008, que sucumbiu à crise. Segundo o site UOL, chegando em um prejuízo de R\$ 760 milhões³³. Com objetivo de se reerguer após a crise, por meio de um processo de fusão com a Perdigão, que durou de 2009 a 2012, acionistas e investidores criam a BRF – Brasil Foods. Atualmente, uma das maiores empresas no ramo alimentício brasileiro e mundial.

No que se refere a mão de obra, principalmente na região oeste catarinense, a Sadia sofre em momentos de contratação, e como alternativa para solucionar essa questão, a BRF agora busca seus funcionários em cidades próximas ou no interior, disponibilizando ônibus gratuitamente para o deslocamento até a empresa. Mas mesmo com essa alternativa, a disponibilidade de trabalhadores é escassa, isso se deve às más condições de trabalho dentro da empresa, principalmente pelo esforço repetitivo em muitas funções e ao salário baixo.

Discutir a criação e história da empresa Sadia, implica associar com o envolvimento de mão de obra migratória em nossa região. O presente trabalho procura abordar sobre essa imigração que acontece nas décadas de 70 e 80 na nossa região. Mas no ano atual, de 2015, a questão imigratória volta à tona na cidade. Agora a questão imigratória deixa de ser um aspecto regional, e passa para o âmbito global, com o crescente aumento de pessoas oriundas principalmente do Haiti e Senegal que entram em nosso país diariamente.

Essa questão se torna importante, pois o destino dessa população é a cidade, graças às vagas de empregos ofertadas principalmente nas agroindústrias, resultante da mão de obra escassa que caracterizava a região. Novamente a empresa se utiliza do fator imigratório para aumentar sua capacidade de produção. Importante pensarmos como a empresa ainda se torna influente na formação social da cidade, pois grandes empresas ao atrair mão de obra em um

³ TEIXEIRA, M. e JR, Alberto Alegri, **Sadia perde R\$ 760 milhões com apostas no dólar**. Uol Economias, 26.set.2008. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/ultnot/2008/09/26/ult29u63464.jhtm>. Acesso em 14.fev.2015

novo contexto que vive-se no Brasil, pode fomentar também novos fluxos que resultam, bem ou mal, na pluralização cultural, com características que essas populações trazem consigo, alteram o ambiente de toda a cidade.

2.4 A Origem do Bairro Efapi

A parte do projeto a que se destina a caracterização da construção do bairro Efapi, vem com o prévio conhecimento que a região se desenvolve a base social, na maioria de trabalhadores de frigoríficos, localizados próximos à região do bairro, como a Sadia e tardiamente a Aurora Alimentos. A agroindústria Aurora, que se instalou no bairro em 1992, tem como formação o cooperado no oeste de Santa Catarina, com o objetivo de ganhar o mercado com sua produção de abate de carne suína.

No início, o Loteamento Efapi, nome que foi dado em homenagem a feira de agronegócios que ainda acontece nas proximidades do bairro, no Parque de Exposições Tancredo de Almeida Neves, localizado na área oeste da cidade, longe da área central local com urbanização mais acentuada:

O loteamento Efapi, nomeado assim por se localizar próximo ao Parque de Exposição Feira Agropecuária e Industrial – EFAPI, tinha finalidade de atender principalmente as classes menos favorecidas (BEN, 2006. p. 367).

O loteamento, por sua vez, ficou sob a responsabilidade da Corretora Colatto, Os terrenos eram vendidos geralmente por financiamento aos trabalhadores principalmente da Sadia, que em muitos casos, o pagamento era descontado diretamente do salário dos trabalhadores.

Os funcionários da agroindústria, na sua grande maioria eram oriundos de áreas rurais, muitos vindos do estado vizinho, o Rio Grande do Sul. Afetados com avanços tecnológicos de produção na agricultura, em que na década de 70, não eram acessíveis para a grande maioria dos colonos, ocasionando, assim, a desistência da vida do campo, e a visão de uma nova perspectiva na cidade. Um exemplo é seu João Garcia, ao ser entrevistado por Ben, relata que ao lado da sua família, desiste do campo em 1978 e decide vir para a cidade:

Eu saí da roça e comprei aqui, porque aqui era mato, mas com a esperança que a cidade tava pertinho, ela vinha vindo. E eu tinha aquela certeza que a Sadia é uma empresa muito grande, em roda da Sadia era visto que crescia, como de fato foi. A Sadia que criou esse bairro aqui. Foi sofrido, mas foi onde acertei meu passo. (BEN, 2006. p. 78)

A situação de deixar suas posses de terras não se encaixava a toda população que vivia no campo, como na característica desses imigrantes. Na sua grande maioria, não eram proprietários de terras, que mesmo com as adversidades poderiam ainda lutar por uma melhor condição econômica. Eram filhos de agricultores sem espaço para plantar e construir seu próprio patrimônio, como relata Santos.

Em síntese foram os trabalhadores agregados (na maioria brasileiros), os filhos dos pequenos agricultores que não mais tinham terra para laborar (estes da própria região do Oeste Catarinense e do Noroeste do Rio Grande do Sul) e os trabalhadores da extração da madeira do Oeste do Paraná, que formaram esta parcela da classe trabalhadora. (SANTOS, 2011. pg. 202)

Apesar das facilitações no momento da contratação dos funcionários que adentravam na Sadia, principalmente pelo fator familiar (indicação de familiares para as vagas eram incentivadas), o que, de certo modo, ocasionou uma característica própria da região comparado ao centro da cidade, principalmente pela cultura rural, que acompanhou os imigrantes na sua instalação, o ambiente é formado por familiares e amigos, que na sua grande maioria são funcionários da agroindústria. Contudo, não havia o incentivo público para manutenção dessa população que se instalava na região, pois existia a falta de infraestrutura. Contribuindo com a situação de pouca estrutura básica que o bairro necessitava, as vagas de emprego na agroindústria logo se mostraram escassas.

A visão de prosperidade e oportunidade defendida pela empresa Sadia não acompanhou o crescimento do bairro. Além da falta de infraestrutura, condições de moradia precária, a inexistência de emprego se mostrou crescente. Para criar outras formas de se ganhar o dinheiro necessário, para as despesas e a manutenção básica de serviços e produtos na vida desses trabalhadores, foi criar outras alternativas, para além da agroindústria. Como possibilidade, para os moradores que se encontravam em situação de desemprego, era o

serviço de diarista e de boia-fria, contemplando a cultura agrícola ainda forte na região.

Outra forma de busca de opções, foi na criação de empresas que mantiveram conectados à agroindústria, em setores terceirizados que a Sadia contratava, como: Fábrica de equipamentos para aviários, carrocerias e câmaras frigoríficas; empresas de transporte de animais que levavam mercadorias das agroindústrias; posto de combustível; construção de câmaras frigoríficas e outras.

Abordando a questão da busca de mão de obra imigrante para trabalhar na agroindústria é importante pontuar sobre a questão em que se busca fora da cidade os trabalhadores para essa indústria, já que aqui havia pessoas disponíveis para esse trabalho, segundo Guisolphi, essa ideia vem de encontro com pensamento progressista da elite na cidade.

O clima que se instalou nas mentalidades das classes hegemônicas (comerciantes e administradores públicos) de Chapecó em fins da década de 70 e início dos anos 80 do século XX, foi o da modernização, do progresso a olhos vistos, não só do crescimento urbano, mas também econômico, pois, além da instalação das agroindústrias, visivelmente ampliou-se o comércio local e as atividades de prestação de serviços. Grande parte do “progresso” era atribuída ao imigrante “gaúcho”, visto como “homem trabalhador”, católico, “progressista”.⁴⁴

Os novos moradores alteram as características do próprio local, pois havia a necessidade de adequar o ambiente. Para uma vivência mais cômoda, era necessário, principalmente, enfrentar as dificuldades. Mudanças nas relações sociais, criação de vínculos, aproximação dos objetivos em comum, como o progresso no bairro (escolas, infraestrutura, hospital, emprego).

Todos esses parâmetros demonstram que o bairro se tornou uma região diferenciada do centro da cidade, para além dos aspectos físicos, como as moradias e a cultura formada pelos trabalhadores que reflete a vida com a agroindústria. O social tem características próprias, principalmente dessas pessoas que vem como a cultura rural, e a nova que se cria, do convívio dos moradores, e a superação das dificuldades. Podemos ver no relato de Carlos, que fala sobre as dificuldades no início do bairro, em que os poucos recursos que vinham para o

⁴ GUI SOLPHI, Anderson André, Cadernos do CEOM, **Dossiê 20 anos do curso de História da Unochapecó** – Ano 24, n. 33 –, pg. 256-275

bairro.

Meu deus do céu, quando eu vim pro bairro para a população não tinha nada, tinha um time de futebol que disputava os campeonatos. Escola não tinha, igreja não tinha. O que tinha era um salão de baile, alugado ainda, mas acontecia muitas brigas, de noite. E de dia nós alugávamos para rezar um terço, culto e missa. O prefeito Sander deu dinheiro pra nós construirmos um pavilhão, mas erguemos os pilares e abandonou, ficou 5 anos assim. Quando um padre da paróquia nos ajudou, deu umas 50 folhas de “brasilite”, para cobrir um lugarzinho, para a missa sair daquele salão. E hoje não tem mais espaço para construir ali no salão, agora está com dois pisos, dá para colocar umas 150 mesas quando tem janta.⁵⁵

A união desses moradores que é ocasionada na busca de melhorias do bairro, fez com que fossem criadas organizações de moradores, que nos encontros da população em centros comunitários ou em igrejas, mostrou a força que essa população tinha politicamente através de suas reivindicações. Com o crescimento populacional do bairro, começaram a surgir representantes desses habitantes dentro do governo municipal, com o cargo de vereadores oriundos do bairro. Com essa representatividade, obras necessárias para população puderam ser realizadas, como construção de ginásios esportivos, postos de saúde, salões comunitários, e escolas para os loteamentos que formam o bairro.

Figura 2 – Festa de Final de Ano Escola Municipal Sereno Soprana (1994)



Fonte: Acervo Particular Paulo Fernando Vedovatto

As ruas dos bairros que no início eram de chão batido e com valetas laterais para o

⁵ Nome fictício, Carlos é natural de Nova Brescia, RS, e veio morar no bairro com sua família em 1983. Entrevista cedida em 17/06/2015.

escoamento da água, a partir da metade da década de 1990, começa a ser asfaltada, mas as obras não são dependentes apenas dos esforços do governos municipal, os moradores do bairro dividem os custos para a implantação do asfalto.

Outro aspecto importante na união desses moradores, ou de classes dentro do bairro, foi na eleição da nova diretoria do sindicato das agroindústrias, o SITRACARNE⁶⁶. Após 22 anos sem eleições sindicais, a nova diretoria tomou posse em 2010, a qual se queixavam os trabalhadores da agroindústria, pela falta de representatividade. Graças a união de trabalhadores das agroindústrias, em que grande maioria moram no bairro Efapi, essa alteração dentro do núcleo sindical pode ser concretizada.

Hoje o bairro é um dos maiores em tamanho populacional, com cerca de 27 mil habitantes e com uma extensão de cerca de 5,90 km² segundo dados do último censo municipal. O bairro é composto por vários Loteamentos como: Colatto, Thiago, Colina do Sol, Sereno Soprana, Jardim do Lago, Aury Bodanese, Universidade, Vila Páscoa, Rosana, Alta Floresta, Zanrosso, Parque das Mansões e Popular, Vale das Hortências, Elias Galon, Dona Rita. Existem aproximadamente 7.060⁷⁷ habitações. Conta com várias empresas e diversos ramos, uma subprefeitura, duas universidades, policlínica, escolas, creches públicas, uma base da Polícia Militar, campos de futebol entre outras obras conquistadas por essa população.

⁶ Sindicato das Carnes e Derivados de Chapecó.

⁷ CHAPECÓ, **Chapecó em Dados 2014**. Disponível em <http://www.chapeco.sc.gov.br/chapeco/chapeco-dados.html>. Acesso em 17. jun.2014

3 AS TRANSFORMAÇÕES NO COTIDIANO DOS MORADORES DO BAIRRO

EFAPI

A mudança de ambiente, diferenciando o campo à cidade por si só, já se mostra fundamental para a compreensão de um processo de ruptura cultural dessa população. As alterações no cotidiano das famílias que vem do campo para a cidade, também estão relacionadas ao trabalho na agroindústria. Pois suas vidas começam a ser regidas pela adaptação ao novo trabalho. As jornadas de trabalho se alteram, o convívio intrafamiliar diminui, novas necessidades surgem, principalmente com a necessidade de aquisição de bens materiais.

A socialização no novo lar também se altera, o contato com os novos vizinhos, antes, no campo eram pouco e o convívio era de longa duração, agora pela quantidade de moradias e a rotatividade de trabalhadores na agroindústria há também uma inconstância nas relações, mas ao mesmo tempo uma dinâmica maior no contato social.

Conceitos de consumo e bem-estar ganham as visões urbanas, progressistas. Acompanhada por um novo espírito de competição, se adequando às necessidades de mercado ou em pró de se caracterizar como um “bom funcionário”. Essa situação que condicionam a criar uma mentalidade de exclusão daqueles trabalhadores que não se adéquam a sua nova condição.

Essas transformações serão apresentadas em tópicos, buscando apontar as diferentes visões sobre situações e *táticas* aplicadas diariamente. As ações diárias são descritas como práticas, pois essas formas de se conceber as atividades que principalmente nas áreas rurais são passadas de gerações a gerações, de um membro da família para o outro. Na transferência para a área urbana esse tipo de compreensão da prática se quebra, existe um novo sistema, as táticas diárias, como Certeau aborda “muitas práticas do cotidiano (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc.) são do tipo táticas (CERTEAU, 1994. p. 47). Táticas essas utilizadas para enfrentar as dificuldades que esses moradores encontram nas transformações que sofrem em seus cotidianos.

Na construção do presente trabalho, além do uso da escrita e fontes iconográficas,

temos como foco a utilização de fontes orais. Utilizar a fonte oral vai além de técnica, ela é um recurso para buscarmos compreender através de outras fontes, não só as consideradas clássicas em academia, como documentais e iconográficas. Conforme Alberti, essa metodologia de pesquisa consiste em buscar testemunhos do passado dentro de conjunturas com o presente.

História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2005. p. 155)

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os moradores que partilham de histórias comuns, especialmente aqueles que saíram do campo para a cidade e encontraram na agroindústria uma fonte econômica para colocar em prática os desejos da vida nova. Muitos não se demonstraram à vontade ao ser entrevistados na mira de um gravador, mas não se importavam em falar sobre as suas vidas e o envolvimento com a agroindústria. Falar sobre o trabalho na empresa é comum, pois o ambiente da empresa faz parte da cultura do bairro, as pessoas que vieram morar aqui entre as décadas de 80 e 90, respiravam e ainda respiram o ambiente da agroindústria, pois ela está tão presente nas vidas dessa população que é difícil não falar sobre ela numa prosa casual, regada a chimarrão com o vizinho ao lado. Conversar sobre as agroindústrias, é em certo ponto, falar sobre suas vidas, e mesmo ao desligar o gravador, o assunto perdura, regada a mais algumas “cuias” de chimarrão. Utilizo de nomes fictícios para relatar os entrevistados, não por exigência dos mesmos, mas por resguardo dos envolvidos, pois muitos dos entrevistados ainda estão envolvidos com a agroindústria.

Essa parte do trabalho é dividida em tópicos, em que eu caracterizo de “noções”, pois ele busca dialogar com as concepções sobre as condições do cotidiano dessas pessoas, alternando entre o que era vivenciado no ambiente do campo, e o que foi encontrado na cidade. Como Michel de Certeau, que ao abordar o cotidiano buscou apenas mostrar algumas peças de um grande quebra-cabeça, o presente trabalho se dedica abordar fragmentos de experiências da vida dos moradores do bairro, pequenas amostras de um conjunto de experiências que suas vidas passam com alteração de ambiente do seu lar.

3.1 Noções de Trabalho e Tempo

A transmissão da forma de trabalho também se caracteriza como um aspecto cultural. Na agricultura familiar todos são presentes na hora de seus esforços diários, isso é transmitido desde a infância, em que os filhos pequenos já ajudam a mãe. Essa que além de trabalhar na roça, comandam as tarefas do lar, na limpeza da casa, alimentação de pequenos animais, cultivo de horta e outros. Com o passar do tempo, e a condição física da criança, ou em momentos em que todos estão presentes, como nas grandes colheitas, as crianças já se fazem presente no auxílio dessas atividades. Logo ela se torna parte efetiva do trabalho no campo, ao lado do pai e irmãos mais velhos. O trabalho era familiar além disso ele continua na cidade, nos mutirões de construção, aplicação e manutenção das moradias

Outro aspecto importante que podemos verificar é a condição do tempo de trabalho, e contato com a família em casa, que se altera em função dos turnos de trabalho diferenciados dentro da agroindústria. No campo, o trabalhador tem que aproveitar a luz natural para realizar seu trabalho, como nas roças, plantações, colheitas e alimentação dos animais, entre outros. Logo nas primeiras horas da manhã, a família já tem que estar pronta para as práticas cotidianas. Todo o ambiente em torno do trabalho era ajustado para essas atividades. Os animais eram alimentados todos os dias em certa ocasião do dia, muitas vezes no início da manhã e final da tarde. Os produtos que esses animais proporcionavam, como leite e ovos, também eram colhidos em momentos certos. O resto do tempo servia para administração das terras, nos plantios e colheitas. Essa forma acontecia não por um tempo regrado, com hora exata para acontecer como nas agroindústrias. Os agricultores trabalhavam com variáveis, como a condição do tempo, a condição do plantio. Nem sempre se aplicava o mesmo tipo de serviço, pois o trabalho acompanhava as etapas do cultivo. O trabalho e o descanso aconteciam no decorrer do dia, diferentemente do trabalho nas agroindústrias, que as pausas para almoço também era para o descanso dentro da jornada de trabalho, acontecendo na mesma hora, todos os dias.

Por ser um ambiente fechado, em alguns casos, causava estranhamento para esses funcionários oriundos do campo, pois eles tinham contato direto com o tempo, seguindo a

relação com o ambiente na forma natural, ou seja, em contato com a natureza. Esse estranhamento é relatado por Carlos.

Eu achei um pouco difícil trabalhar na agroindústria, por ser um lugar diferente. Na roça é um lugar aberto, tudo livre, a gente sofria um pouco por causa do sol e da chuva, mas não era dentro de um frigorífico. E aqui eu peguei uma vaga para abater peru a noite. Eu sofri, quando deu 6 meses que eu estava no frigorífico eu pedi para o meu chefe se eu poderia ser transferido para outro setor, ou então eu iria embora.⁸⁸

Na agroindústria isso se altera, a luz natural não serve como fator fundamental para o trabalho. A empresa divide as jornadas de trabalhos em até três turnos, contemplando as 24 horas do dia, assim aumentando a produtividade da empresa. Os trabalhadores poderiam ser destinados para qualquer um desses turnos, de acordo com a necessidade da empresa. Isso altera o ambiente familiar. O contato entre as pessoas da própria família diminui, pois além da jornada de trabalho, se tem o momento de descanso (sono), fazendo com em momentos os familiares não tenham contato em seus lares. Santos aborda também, aspectos sobre a condição desse novo trabalho.

Todo esse processo exigia deles esforço extra que, somado à responsabilidade de aprender um novo ofício laboral, implicava em sobrecarga de esforço e de responsabilidade. Além disso, os horários de trabalho não obedeciam mais aos ciclos da natureza: chuva ou sol, dia ou noite, pois na agroindústria havia turnos de trabalho e tal regime provocava que, na mesma família, houvesse pessoas trabalhando em turnos diferentes, fazendo com que uma saísse de casa antes da outra chegar, acabando totalmente com o horário das refeições em comum e, até mesmo, com o descanso semanal em família. (SANTOS, 2011. p. 206)

A relação familiar se altera inteiramente, para se ajustar às condições que o trabalho na agroindústria necessita. A hora de descanso, os momentos para alimentação. A limpeza da casa, muitas vezes realizada com intensidade nos momentos de folga, como nos finais de semana. O deslocamento até a empresa, pois sem transporte e condições de comprar um veículo para chegar até lá, os trabalhadores se deslocavam a pé, bicicleta ou transporte público. Assim necessitavam de um tempo para chegar até o trabalho, forma diferenciada do campo, em que a terra em que se trabalha fica próximo ao lar.

⁸ Nome fictício, Carlos é natural de Nova Brescia, RS, e veio morar no bairro com sua família em 1983. Entrevista cedida em 17/06/2015.

3.2 Noções de Consumo e de Bens

Essa se torna uma questão delicada para se trabalhar, pois busca compreender o sentido de enriquecimento, aqui abordado como na aquisição de bens e de consumo, para uma população se torna subjetivo. Trabalhar com essa ideia além das noções especificadas nas entrevistas, é uma tarefa complexa, pois o enriquecimento pode se tornar além de um acúmulo de capital econômico ou necessidade de conforto. Temos ideias que o consumo pode se mostrar diferenciado nos dois ambientes em que trabalhamos, o campo e a cidade.

No campo, para buscar uma melhora na produção, não só no sentido de quantidade de produto plantado ou colhido, mas também nas condições de trabalho, deve-se comprar certos maquinários. Esses maquinários que demonstraram um dos principais agravantes para desistência de populações para se viver na roça. Uma forma de “progresso” no campo, em que a grande maioria não tinham condições de acompanhar, principalmente naquelas estruturas de agricultura familiar, em que o cultivo é quase para subsistência, o pouco que plantava servia para pequenos investimentos, para plantações futuras, compras de animais para arado e abate ou para compra de objetos que melhoravam a vivência nessas áreas afastadas, como produtos para casa ou na compra meios de transporte para a família.

Já na cidade temos uma série de coisas desejadas e principalmente ofertadas para esses moradores. A questão do consumo se amplia, pois as necessidades acompanham um grande mercado de ofertas. Temos produtos para todos os setores e ambientes que cercam a vida dessa população. Há uma série de coisas que mostram ser necessárias para a casa, como eletrodomésticos e televisores que se tornam a principal forma de entretenimento.

Há também necessidades para o lar, antes essa noção não acompanhava apenas a casa, existiam áreas que eram destacadas para armazenamento das colheitas, pequenas construções para criar pequenos animais, como galinhas e porcos. Construções para abrigar as vacas, necessários para produção de leite. A própria roça precisava de uma certa manutenção, em épocas de plantio, ou após, buscando manter a terra fértil em todo o ano. Todas essas estruturas precisavam de manutenção, com melhoria das condições, muitas vezes eram ampliadas, principalmente a produção.

Na cidade, o centro da vivência se torna apenas a casa. Contudo surge uma questão cultural de melhorias nesse quesito. Se torna desejável melhorar a estrutura e a condição da casa. Construir novos cômodos e espaços de lazer. A casa poderia ser de alvenaria ou de madeira, poderia ter garagem, área de serviço. O acabamento interno poderia ser com cerâmica, o teto em telhas de barro ou de amianto. Pensar em estruturar a casa era mais do que um sentimento de desejo, era o orgulho que estava envolvido, pois a casa era um símbolo do crescimento econômico dessas famílias, que ao chegarem no bairro, buscavam outras alternativas até ter sua casa própria, como relata João sobre seu desejo inicial na vinda para o bairro, ao ser perguntado sobre seus objetivos iniciais “Foi adquirir uma casa, quando eu vim morar pra cá eu casei e fui morar no porão do meu irmão. Depois adquirimos esse terreno aqui, e construímos uma meia-água em cima, e como nós tínhamos uma meia-água a Sadia não financiava a casa.”⁹⁹

Mais um aspecto que se torna importante é o consumo de alimentos. Se no campo temos uma produção vinculada também ao acúmulo de capital, existe a preocupação para a subsistência. Que se observava no cultivo de alimentos, como os cereais, animais para abate e hortas com legumes e saladas. Na cidade, se tem a necessidade de comprar a maior parte dos alimentos. Muitos moradores buscavam cultivar plantações e criavam animais em seus terrenos para complementar a alimentação..

A região do bairro Efapi era comum encontrar nos espaços vagos dos terrenos pequenas plantações e criações de pequenos animais. O cultivo de milho e mandioca era mais comum, também a criação de algumas galinhas. Essa prática se tornou necessária para criar um complemento na alimentação da população recente ao bairro, que agora dependia apenas do alimento em que eles obtinham do trabalho na agroindústria, e que não era o suficiente para a alimentação de toda a família.

Figura 3 – Moradores do Bairro Colatto (1982)

⁹ Nome fictício. João tem 48 anos, é natural de Águas de Chapecó, e mudou-se para o bairro em 1991. Entrevista cedida em 04/06/2015



Fonte: BEN (2006, p. 90)

Esses moradores que ainda carregavam características da cultura do campo mas que agora trabalham no ambiente das agroindústrias. Essa população tem uma característica própria, ela se encaixa na categoria de colonos operários (Seyferth, 1984), tinham característica de operários pois trabalhavam nas agroindústrias e moravam em áreas urbanas mas carregavam ainda ações que exerciam no campo, como cultivo de pequenas plantações que pode ser observada na imagem anterior.

Para os funcionários da Sadia, existia a opção de compra no mercado da empresa, outra forma de vincular a vida do trabalhador com a empresa, pois além de funcionário ele era consumidor tal como aponta Ben.

[...] os funcionários contavam com a doação de uma cesta básica e poderiam comprar os produtos comercializados pela empresa na Fiambreria, conhecida como *Mercado Fontana*, que vendia aos funcionários os produtos descontando na folha de pagamento, a preços acessíveis – menos que o preço de outros comércios. Em certo sentido, essa era uma forma de compensar os baixos salários pagos pela empresa aos operários.(BEN, 2006. p. 121)

Temos aqui uma alteração nas concepções de um ambiente para o outro. Se de um lado o pensamento era focado na construção de um ambiente, que servia como pilar para o cultivo e obtenção de lucro em cima do trabalho no campo, de outro, se intensifica na melhoria do local para o conforto da família, e porque não, uma construção que vislumbra a capacidade econômica de cada família.

Na cidade a questão do consumo se torna mais clara, pois temos como amostras todo um conjunto de propagandas e ações publicitárias que influenciam um estilo de vida nas áreas urbanas. Certeau já discutia a questão das transformações que essas comercializações de ideias, que se impõe quase invisivelmente aos olhos dos consumidores, mas que agiam com grande poder, e assim transformavam a vida desses moradores

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas *nas maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1994, p. 39).

Trabalhar sobre a noção de consumo no campo é delicado. Se tem claro as necessidades materiais, mas basicamente que sirvam para o auxílio no trabalho, o conforto era construído na própria propriedade, como na obtenção de alimentos e na construção de acessórios para casa, muitas das matérias-primas eram encontradas na própria propriedade do morador.

3.3 Noção de Lazer

A questão do lazer talvez a que fica mais clara a influência da nova vida a partir do trabalho na agroindústria, isso se deve porque ele se torna uma das principais fontes de lazer, ou local para lazer desses funcionários e em ocasiões especiais para as suas famílias. A empresa começa a ofertar para os seus trabalhadores áreas recreativas para os finais de semanas, em sedes ou centro de convivência, como o GER Sadia (Grêmio Esportivo Recreativo Sadia), localizado no bairro Engenho Braun. Em outros momentos, a empresa cria campeonatos em busca da integração desses funcionários, como relata Ben.

A integração entre funcionários e empresa acontecia por meio de várias iniciativas: uma delas eram os torneios e jogos promovidos pela empresa no período extrafabril, como campeonatos de futebol de campo e salão, vôlei, dominó, truco, bocha, envolvendo times que eram formados e competiam entre os setores da empresa e, geralmente, reuniam colegas de trabalho que tinham maior convivência e afinidade.(BEN, 2006. p. 114)

A empresa também organiza festas comemorativas para as famílias de seus funcionários, esses momentos aconteciam principalmente em comemorações o qual o foco era os filhos dos funcionários, como nas datas de Dia das Crianças e no Natal, em ambas as datas os filhos dos funcionários eram presenteados.

Cada festa tinha uma característica própria, além da representatividade da data, o intuito nas celebrações eram diferenciados. Na comemoração dos dias das crianças, os filhos dos funcionários eram presenteados com materiais escolares, roupas que poderiam ser utilizadas como uniforme nas escolas, pois tinham cores neutras como o branco e não traziam nenhum emblema. No natal a família toda era presenteada, as crianças com uma celebração em que o ponto alto era a chegada do Papai Noel (ver figura 4), mas as crianças também eram presenteadas com brinquedos, bolas esportivas e chocolates, os pais recebiam como presente no final do ano um Peru para ser utilizado na ceia da família.

Figura 4 – Festa de Natal no GER (Grêmio Esportivo Recreativo) Sadia (1997)



Fonte: Acervo particular Paulo Fernando Vedovatto

Ter a empresa como principal fornecedora do lazer se torna um problema pois essas áreas não livram o funcionário da categoria de trabalhador, nesses locais ele ainda vive a imagem da empresa. Tais condições alteram as percepções mentais do funcionário, pois sem um local livre para entretenimento como ele poderia relaxar da sua vida no trabalho. Para Ben, essa presença constante da empresa na vida de seus empregados, era uma forma clara de uma política de domínio paternalista aos empregados, assim a empresa sempre buscava

“zelar” pelos seus trabalhadores.

Nesse processo, a contratação dos funcionários, dando preferência a filhos de *parceiros* ou *por indicação*, convinha para estreitar as relações entre os operários e as chefias e legitimava o discurso empresarial que se utilizava do sistema de benefícios para concretizar os mecanismos de dominação. A origem rural dos operários parece ter sido propícia para a efetivação de práticas de trabalho paternalistas, nas formas da presença do patrão no local de trabalho e das chefias que residiam perto da empresa e mantinham relações de vizinhança, lazer e sociabilidade com os operários que residiam nas proximidades da fábrica. (BEN, 2006. p. 111)

No campo, os momentos de lazer aconteciam basicamente pela vida social da comunidade em que essas pessoas viviam, como as pequenas festas, os jogos de futebol, ou as próprias atividades que eles encontravam em meio à natureza, como pescar, caçar, visitar outros locais com vizinhos. As atividades envolvendo a igreja eram as que mais se destacavam, com os dias festivos celebrando datas santas, ou as próprias festividades apoiadas pela igreja. Assim a fé também proporciona ações de lazer para esses moradores.

No bairro, as formas para entreter deram continuidade ao que era encontrado nas zonas rurais, campo de futebol, almoços na comunidade, pequenos bares com jogos de cartas e bocha. Assim aos poucos a convivência entre os vizinhos foi se fortalecendo, ajudando a criar vínculos entre esses moradores. A situação de viver na cidade proporcionava outras condições para a diversão, com novas percepções de diversão, as festas e bailes eram opções, mas no bairro propriamente era escasso, mas para os moradores por ter essa opção dentro da cidade já era vantajoso, como relata Ana.

No interior só tinha a comunidade. O jogo de futebol a gente ia assistir nas outras comunidades, era as únicas diversões que tinha. Aqui na cidade, quem tinha condição vai num baile, numa festa, na época. Quando o bairro começou era menos que hoje. Hoje em dia tem mais oportunidade, até tem mais lugar pro jovem ir, casa noturna né, e antigamente era pouco isso aí. No bairro não tinha nada, daí era só do Colatto pra lá que tinha alguma coisa.¹⁰¹⁰

Como no campo a igreja se tornou uma grande fonte de ações dentro do bairro, celebrando as datas já conhecidas de dias santos, como ações para arrecadar fundos na

¹⁰ Nome fictício, Ana é natural de Concórdia e veio morar no bairro com seu esposo em 1992. Entrevista cedida em 04/06/2015

construção de uma igreja do tamanho que comportasse a quantia de moradores que vinha crescendo a cada ano. As celebrações religiosas nos finais de ano também entravam na agenda da empresa. Em ocasiões de comemoração de feriados religiosos, como o Natal e a Páscoa, também era programada uma festa realizada com os filhos dos funcionários (BEN 2006.), mais uma forma de integração entre empresa e funcionários com suas famílias.

3.4 Noção de Comportamento em Família

Essa parte, talvez seja a que tenha mais se modificado, antes existiam famílias numerosas, casais que tinham vários filhos. Essa média acentuada se demonstrava como característica cultural, pois se encaixava na constituição de várias famílias em nossa região. Essa concepção de ter uma família volumosa era dita como comum, pois os pais precisavam de mais mãos para o trabalho no campo. Na segunda metade do séc. XX, rompeu-se o modelo familiar mais numeroso, característica das zonas rurais do sul do Brasil. Esse modelo se abala na divisão do patrimônio dos agricultores, a terra é subdividida. O filho mais velho geralmente herdava a maior parte, e as mulheres não tinham pedaços de terra como dote.

Outro aspecto dentro do núcleo familiar era a baixa escolaridade dos integrantes, pois o principal método de trabalho no campo era o braçal, o qual era transmitido de pai para filho com o passar dos anos. A necessidade de se manter os membros da família com maior tempo possível nas atividades do campo era imprescindível. Quando, por opção dos pais, os filhos tinham como frequentar as aulas, a preferência era para os filhos homens. O homem permanece como o gestor do núcleo familiar, assim destinando a parte feminina para as áreas domésticas.

A vida na cidade altera várias concepções dentro do núcleo familiar. Primeiro pela quantidade de filhos, a necessidade de grande quantidade de pessoas para o trabalho não se torna essencial, pois os filhos não tinham como trabalhar, já que a indústria era o principal fator para trabalho, e regido por lei, não contratava menores. Outro aspecto se relaciona aos custos para criar um filho, que aumentava muito, principalmente pela alimentação, já que agora quase todo o alimento tinha que ser comprado e não mais produzido.

Agora, a escola se torna indispensável, seguindo as tendências do mercado. Para conseguir um bom emprego, era necessário qualificação. Para os trabalhadores da agroindústria, se torna importante colocar os filhos para estudar por vários motivos. Na utilização do tempo por essas crianças dentro da escola, assim não ficando desacompanhadas em seus lares. Há também o complemento da alimentação, com as refeições ofertadas pela escola e para qualificação das crianças e jovens, assim, podendo prosperar no futuro e talvez ingressar em cargos de alto nível até dentro da agroindústria, como fala Santos.

Estes filhos com condições de cursar o 2º e até mesmo o 3º grau, tornam-se potenciais trabalhadores dos escritórios ou da parte administrativa das agroindústrias, pois à relação destas com a família 'integrada' à produção acaba facilitando os contatos para o ingresso dos filhos na planta industrial localizada nos bairros da cidade. (SANTOS, 2011. p. 200)

O ambiente familiar se altera como já foi citado, mãe e pai trabalham, alterando a forma em que se encontravam no campo em muitos casos, em que os homens realizavam o trabalho no campo e as mulheres cuidavam da casa, dos filhos e dos animais. Agora, com ambos no trabalho, os filhos ficam sem os pais por perto. Algumas famílias se organizam para manter um dos responsáveis em casa, alternando o trabalho, com a entrada em turnos oferecidos pela empresa. A família que antes religiosamente teria que, em momentos do dia, estar juntos, principalmente nas refeições, agora tem pouco contato, por causa do regime de trabalho.

[...]tal regime provocava que, na mesma família, houvesse pessoas trabalhando em turnos diferentes, fazendo com que uma saísse de casa antes da outra chegar, acabando totalmente com o horário das refeições em comum e, até mesmo, com o descanso semanal em família.(SANTOS, 2011. p. 205)

Podemos analisar que existe uma transformação no ambiente do lar desses moradores, isso comparado com o ambiente encontrado no campo. Contudo a adaptação e a constituição das novas famílias, já constituídas sob a influência urbana não diminui o grau de relação entre os envolvidos no núcleo familiar. No campo existia sim ampla convivência, mas na cidade o que percebe-se é uma união em prol do crescimento da família, mesmo de forma econômica, mas que não deixa de ter importância no espírito que a família necessita para um bom

convívio.

3.5 Noção de Espaço e Moradia

As noções sobre espaço, talvez sejam as que mais diferenciam as duas situações de vida, a que os habitantes antes tinham no campo, e as que encontraram na área urbana. Essa questão vai além do tamanho da moradia, ela se aplica além da extensão do lar, devemos considerar todo o ambiente que cerca o cotidiano desses moradores. O tamanho da casa, as medidas do terreno em que a casa foi construída, a proximidade com a rua e vizinhos.

Se antes, alguns se encontravam em habitações maiores, para suprir à quantidade de moradores na casa, pois se tinha um alto número de pessoas na família, agora em área urbana, as casas em ampla maioria são pequenas, não por desejo dos moradores, mas pela condição econômica que não deixavam alternativas para grandes investimentos iniciais.

As construções iniciais eram similares entre os habitantes, casas com poucos cômodos, alguns por falta de recurso construíam casas pequenas e sem divisórias conhecidas como “meia água”. Com o aumento do poder aquisitivo se mostrou pelas características das reformas nessas casas como o aumento no número de cômodos, para confortar todos os moradores da casa, como os filhos que poderiam cada um ter o seu próprio quarto, também a construção de garagem e muros para delimitar o terreno com o do vizinho ao lado como o objetivo de trazer maior segurança ao lar.

Figura 5 – Vista parcial do bairro Jardim do Lago (1990)



Fonte: Acervo do CEOM

Os terrenos eram planejados pelas empresas loteadoras, pequenos em tamanho, para que em maior quantidade pudesse suprir o número de moradores que buscavam o bairro como alternativa. A questão do tamanho da casa e do terreno implicava uma grande mudança, pois nas áreas rurais, a roça poderia ser caracterizada mais que o ambiente do trabalho do agricultor, mas também uma extensão do lar, não só pela proximidade da casa, mas por fazer parte do cotidiano dessas pessoas.

A proximidade com a rua, modifica os costumes, os outros moradores agora transitam na porta de suas casas, se antes o chimarrão no final da tarde, agora não tem mais como plano de fundo, a visão das terras que tinha em sua propriedade e do pôr do sol, e sim o trânsito da rua, as outras casas, e outros moradores.

O próprio planejamento na construção tem a ideia de colocar uma área externa à casa na parte posterior do imóvel como local de lazer, ou seja, para que se possa receber convidados, e no final da tarde tomar o seu chimarrão.

3.6 Relações e Interações Sociais

Nas áreas rurais, o ambiente social é semelhante na região sul, com famílias que vivem em suas terras por gerações, pois as terras dos pais futuramente são dívidas para os filhos. A propriedade se mantém na posse de uma mesma família, assim o ambiente social dificilmente se altera, ocasionando uma vivência entre os moradores dessas regiões em um grande período.

Esse convívio entre vizinhos é primordial nas relações, pois existe todo um sistema de trocas entre os moradores. Trocas essas encontradas na forma de mão de obra, em que períodos de colheitas, conforme a necessidade, um morador ajuda o outro no trabalho, ou trocas de produtos para equilibrar a alimentação da família. Se um morador cultivava um certo produto, ou cria certos animais para consumo, troca uma certa quantidade do produto com outros moradores.

Esse ambiente se altera, essa troca de favores, esse sentido de reciprocidade é

transferido para o urbano em uma menor escala. Dessa forma, os moradores do bairro sofriam com essa mudança, como afirma Santos.

Ao se deslocarem de regiões vizinhas a Chapecó, como do noroeste do RS, oeste do Paraná e extremo-oeste catarinense, ou do interior do próprio município, tanto os agricultores de origem, como os brasileiros, sofriam um desenraizamento cultural, pois deixavam as comunidades rurais onde tinham seus parentes, vizinhos, amigos pelos quais eram reconhecidos, para estabelecer-se em situação mais precária, com menor qualidade de vida, com menos laços afetivos, convivendo com “estranhos” tanto nos bairros como no trabalho, sentindo-se na obrigação de conquistar seu espaço laboral e social.(SANTOS, 2011. p. 205)

Com o passar do tempo, a adaptação para muitos moradores foi menos impactante, pois com a formação do bairro, muitos moradores vieram estabelecer suas casas no mesmo período, e continuam até hoje nas mesmas residências, criando, tal como no campo uma relação prolongada entre essas pessoas, como relata Ana em entrevista:

Os nossos vizinhos são bão, nós não temos queixa dos vizinhos, porque a maioria veio morar quase na mesma época, então é quase os mesmos vizinhos, um que outro muda, porque são caso de casas alugadas. Na verdade aqui a gente tem uma boa convivência com os vizinhos, a gente procura não complicar com os vizinhos, cada um em sua casa, mas tudo numa boa convivência.¹¹¹¹

Segundo a fala da entrevistada, a relação entre esses moradores é considerado boa, pois um busca não complicar a vida do outro, percebe-se uma relação diferenciada, pois apesar de viverem por um longo período como vizinhos, o que ela enfatiza é que o bom relacionamento se dá por um não “complicar” a vida do outro, assim cada um vivendo em sua casa.

Em outros relatos, observamos uma certa frieza nesse convívio, como relata André, que reclama sobre esse aspecto.

Na roça é melhor a convivência com os vizinhos, bem melhor. Apesar que aqui não é ruim, só que aqui nós não se visita muito, o que mais é, um bom dia, uma boa tarde, um tudo bem¹²¹².

¹¹ Nome fictício, Ana é natural de Concórdia – SC, veio morar no bairro com seu esposo em 1992. Entrevista cedida em 04/06/2015

¹² Nome fictício, André é natural de Galvão – SC, veio morar no bairro com sua esposa em 1990. Entrevista cedida em 04/06/2015

O sentimento de aproximação de um vizinho é diferente, no urbano a questão vizinho é delimitada pelo fator físico, o vizinho é aquele que mora ao lado, diferente da área rural que a aproximação supera o fator físico, pois uma casa fica muito distante de outra. Se cria um sentimento, muito pela questão de troca e ajuda, na busca de superação das dificuldades encontradas na vida no campo.

Uma questão clara na relação de vizinhança se dá pelo cotidiano que essa população leva, agora regrada pelo trabalho na agroindústria, as situações comuns encontradas na vida das pessoas que vivem nas cidades, como a questão do tempo, o deslocamento da casa ao trabalho e vice e versa. Em muitos momentos, não se cria uma relação, não por falta de vontade, e sim por não ter tempo hábil para a prática. Muitos, além do trabalho, tem os afazeres domésticos, limpar a casa, cozinhar, principalmente para os filhos, e os momentos de descanso. Por ter que trabalhar em turnos diferenciados, muitos vizinhos acabam não criando contato por se criar um desencontro dessas pessoas nos momentos propícios para isso, nas situações de lazer e descanso, pois cada um tem suas tarefas programadas e, mesmo quando existe um tempo livre, ficam com receio de atrapalhar o vizinho nas tarefas diárias de suas casas, como relata Sílvia, após ser questionada sobre a existência de dificuldades com no convívio com os vizinhos no bairro:

Aqui, não sei se é porque a gente trabalha, os horários ficam meio diferente, daí vai pouco na casa do vizinho, a gente se conversa mais pelas cercas, mas assim pra chegar e tomar um chimarrão é bem difícil né, não sei se é porque o tempo é bem corrido, daí você tem as coisas pra fazer, eu levanto de manhã e tenho as minhas tarefas pra fazer, tem almoço, para depois já ir trabalhar. Você não tem tanto tempo, daí você pensa, às vezes, eu posso ir lá tomar um chimarrão, mas vou atrapalhar (o outro vizinho), pois ele deve ter alguma coisa para fazer, daí você acaba ficando em casa mesmo.¹³¹³

Quando observamos que nas falas dos entrevistados em que o convívio entre os vizinhos no campo seria melhor, comparado aos encontrados na cidade, fica claro a influência do ambiente na vida dessas pessoas, um local tocado pelas exigências na vida urbana, como a questão de tempo, em que cada um busca viver a sua vida. Assim sem atrapalhar a pessoa que mora ao lado, obstruindo o tempo que ele poderia ter nas suas atividades cotidianas.

¹³ Nome fictício, Sílvia é natural de Águas de Chapecó – SC, veio morar no bairro com seu esposo em 1991. Entrevista cedida em 17/06/2015

Observamos que, aparentemente, que a construção da convivência desses vizinhos é de laços vazios, regida apenas por compreensão enquanto ao tempo e por um gentil boa noite e boa tarde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa possibilitou a verificação de que o bairro é criado em área distante considerando ao centro da cidade, assim, fora do ambiente da “sociedade chapecoense”, que se concentrava na área central, próximos a catedral municipal, do centro administrativo, da modernização que as áreas centrais eram possibilitadas.

Juntamente da formação do bairro até a instalação da agroindústria é cercado por ações políticas, em que tem como autoria os empresários que lideravam a empresa, assim podemos observar que as concepções do bairro é pensado politicamente visando o cunho econômico, para suprir a demanda de mão de obra que a agroindústria necessitava.

Após ampla propaganda nas pequenas cidades e vilas na região, com o objetivo de trazer essa população para trabalhar na agroindústria. O Bairro Efapi foi se formando, casas foram sendo construídas, ruas se formavam, mas o que fica evidente é ausência de políticas públicas para dar infraestrutura necessária para esses moradores, como água encanada, iluminação, asfalto, escolas, hospitais entre outras. Através dos relatos encontrados nas entrevistas, podemos observar que evolução nas estruturas no bairro vem do esforço de seus moradores, através de grupos de moradores, que unidos reivindicavam melhorias e muitas vezes supriam essas necessidades com seus próprios esforços.

O cotidiano desses moradores, comparado ao que eles encontravam no campo se altera não apenas pela falta de estrutura do bairro, mas também pelo ambiente ocasionado pela agroindústria, esta que atuava politicamente sobre seus funcionários como “padrinho” dessa população, oferecendo suporte para muitos aspectos em que o governo se ausentava, como no lazer, assistência médica, doações entre outras. Os moradores do bairro, por viverem a base do ambiente da agroindústria, encontrava nela o sentimento de Estado, não pelas ações da empresa, e sim pela falta de suporte do governo municipal a essa população.

Portanto, o cotidiano desses moradores é influenciado pela vida em torno dos seus trabalhos na agroindústria. Há uma necessidade de se adequar vários aspectos de suas vidas para auxiliar no seu dia a dia no trabalho. A família, descanso, lazer, são exemplos de situações influenciadas por essa nova vivência, agora como trabalhadores urbanos. Vivência,

essa que em vários sentidos é totalmente diferente a que eles encontravam no campo, não só nas estruturas de seus lares, ou na sua forma de trabalho, mas também em suas relações sociais.

Se retomarmos os estudos de Michel de Certeau, observamos que os moradores nas práticas no seu cotidiano, buscando se adequar ao novo ambiente, criando mecanismos para adaptar-se e superar as dificuldades do ambiente, pelas diferenças e imposições. Através das *artes de fazer*, os moradores aproveitaram de seus conhecimentos, dos utensílios encontrados no novo ambiente, e se adaptaram, através de *táticas*, progredindo com suas vidas e conseqüentemente, ajudando no progresso do bairro. Esse que não segue o progresso aos moldes capitalistas, mas sim um progresso estrutural que objetivava melhorar as estruturas básicas e necessárias para suas vidas, aquelas que eles almejavam quando decidiram sair de suas vidas no campo.

5 REFERÊNCIAS

Artigos, Dissertações, Teses e Livros

ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano. Os agentes de produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BEN, Fernanda. **Trabalhadores da indústria frigorífica: experiências de operários**. Cadernos do Ceom, Chapecó, SC, v. 19, n. 25, dez. 2006, p. 357-378

_____. **Trabalhadores da Indústria Frigorífica: trabalho, tradição, política e protesto. Chapecó SC (1967-1982)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESPINDOLA, Carlos José. **As agroindústrias no Brasil: o caso Sadia. Chapecó**: Grifos, 1999.

FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org). **Usos e abusos da História Oral**. 8ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950 1956**. Chapecó: Argos, 2001.

_____. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local 1945 – 1965**. Chapecó, Argos, 2000.

PAIM, Elison Antônio. **Industrialização e educação**. Chapecó: Argos, 2003.

POLI, Jaci. **“Caboclo: pioneirismo e marginalização”**. Cadernos do CEOM, Chapecó, FUNDESTE, n. 7, 1991.

RECHE, Daniella. **Leis e Planos Urbanos na Produção da Cidade: O caso de Chapecó, SC**. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Urbanis, História e Arquitetura da Cidade). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997

SANTOS, M. A dos, **O sofrimento dos trabalhadores da agroindústria Sadia S.A. de Chapecó** [dissertação] / Maria Aparecida dos Santos; orientadora, Claudia Maria França Mazzei Nogueira. – Florianópolis, SC, 2011.

SEYFERTH, G. **Camponeses ou operários? O significado da categoria *colono* numa situação de mudança**. *Revista do Museu Paulista*, N.S., vol. XXIX. 1984

Endereços Eletrônicos:

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/19X>. Acesso em 22. nov. 2014

CHAPECÓ. [Site da Prefeitura Municipal de Chapecó]. Disponível em <http://www.chapeco.sc.gov.br/chapeco/historico.html#/denominacao>. Acesso em 14. agos. 2014.

TEIXEIRA, M. e JR, Alberto Alegri, **Sadia perde R\$ 760 milhões com apostas no dólar**. Uol Economias, 26.set.2008. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/ultnot/2008/09/26/ult29u63464.jhtm>. Acesso em 14.fev.2015

CHAPECÓ, **Chapecó em Dados 2014**. Disponível em <http://www.chapeco.sc.gov.br/chapeco/chapeco-dados.html>. Acesso em 17.jun.2014

6 FONTES

Entrevistas

Ana. Reside em Chapecó. É natural de Concórdia, SC, tem 43 anos de idade e mudou-se para o bairro com seu esposo em 1992. Entrevista cedida em 04/06/2015

André. Reside em Chapecó. É natural de Galvão, SC, tem 47 anos de idade e mudou-se para o bairro com sua esposa em 1990. Entrevista cedida em 04/06/2015

Carlos. Reside em Chapecó. É natural de Nova Brescia, RS, tem 64 anos de idade e mudou-se para o bairro com sua família em 1983. Entrevista cedida em 17/06/2015.

João. Reside em Chapecó. É natural de Águas de Chapecó, SC, tem 51 anos de idade e mudou-se para o bairro com sua esposa em 1991. Entrevista cedida em 04/06/2015

Pedro. Reside em Chapecó. É natural de Planalto Alegre, SC, tem 49 anos de idade e mudou-se para o bairro com sua esposa em 1990. Entrevista cedida em 04/06/2015

Rosa. Reside em Chapecó. É natural de Salto do Lontra, SC, tem 43 anos de idade e mudou-se para o bairro em 1995. Entrevista cedida em 04/06/2015

Sílvia. Reside em Chapecó. É natural de Águas de Chapecó, tem 41 anos de idade e mudou-se para o bairro com seu esposo em 1991. Entrevista cedida em 17/06/2015